

Entre autoritarismos e resistências: as continuidades e inflexões na obra jornalística de Otto Maria Carpeaux

Between authoritarianism and resistance: continuities and inflections in the journalistic work of Otto Maria Carpeaux

Entre autoritarismos y resistencias: continuidades e inflexiones en la obra periodística de Otto Maria Carpeaux

**Thiago Bicudo
CASTRO**

thiagobc.castro@gmail.com

Doutor em Sociologia (Unicamp/
EHESS), professor do Senac SP.

26

O artigo refaz uma parte da trajetória intelectual de Otto Maria Carpeaux desde seu período de vida na Europa até o exílio no Brasil. Nesse ínterim são levantados aspectos relevantes da vida pessoal e profissional desse intelectual com a finalidade de sustentar a tese da dialética entre continuidades e inflexões. Esta tese possibilitou a compreensão de como Carpeaux realizou tomadas de posição no campo político e cultural e se adaptou às mudanças que dois momentos autoritários – Nazismo (1939) e Golpe civil-militar de 1964 – provocaram em sua vida. Amparado teórica e metodologicamente no materialismo cultural de Raymond Williams, a dialética de continuidades e inflexões permitiu um questionamento e problematização das referências à obra de Carpeaux baseadas na dicotomia continuidade x ruptura.

Palavras-chave: Otto Maria Carpeaux; Continuidades; Inflexões; Barroco; Autoritarismos.

The article retraces part of Otto Maria Carpeaux's intellectual trajectory from his period of life in Europe until his exile in Brazil. In the meantime, relevant aspects of the personal and professional life of this intellectual are raised in order to support the thesis of the dialectic between

continuities and inflections. This thesis made it possible to understand how Carpeaux took positions in the political and cultural field and adapted to the changes that two authoritarian moments – Nazism (1939) and the 1964 civil-military coup – provoked in his life. Theoretically and methodologically supported by the cultural materialism of Raymond Williams, the dialectic of continuities and inflections allowed for questioning and problematizing the references to Carpeaux's work based on the continuity x rupture dichotomy.

Keywords: *Otto Maria Carpeaux; Continuities; Inflections; Baroque; authoritarianisms.*

El artículo reconstruye una parte de la trayectoria intelectual de Otto Maria Carpeaux, desde su período de vida en Europa hasta su exilio en Brasil. En este intervalo, se abordan aspectos relevantes de su vida personal y profesional con el objetivo de sustentar la tesis de la dialéctica entre continuidades e inflexiones. Dicha tesis permitió comprender cómo Carpeaux asumió posiciones en el ámbito político y cultural y cómo se adaptó a los cambios que dos momentos autoritarios – el Nazismo (1939) y el Golpe civil-militar de 1964 – provocaron en su vida. Fundamentada teórica y metodológicamente en el materialismo cultural de Raymond Williams, la dialéctica de continuidades e inflexiones posibilitó un cuestionamiento y una problematización de las referencias a la obra de Carpeaux basadas en la dicotomía continuidad x ruptura.

Palabras clave: *Palabras Clave: Otto Maria Carpeaux, Continuidades, Inflexiones, Barroco, Autoritarismos*

Introdução

Otto Maria Carpeaux¹ foi um intelectual atuante entre a produção jornalística e a militância política e cultural em dois contextos político-culturais e sócio-históricos que tinham em comum, por um lado o elemento do autoritarismo, por outro o engajamento de uma parte dos intelectuais nas questões políticas.

Na Áustria e especificamente em Viena, Carpeaux – nesta época ainda Karpfen² de nascimento e Fidelis nas assinaturas de artigos na imprensa – marcava posição crítica frente ao avanço do pangermanismo de Hitler e do pan-eslavismo dos russos (Stalin) sobre seu país.

Este artigo que ora vos apresento é parte dos resultados de uma pesquisa que teve, dentre os objetivos, analisar a reorganização

¹ Otto Karpfen, seu nome de registro, nascido na Áustria em 1900, frequentou diferentes universidades europeias e teve uma formação ampla em Filosofia, Matemática, Sociologia, Literatura Comparada, Política. Apesar de sua maior contribuição ter sido nas Ciências Humanas e crítica literária, sua formação acadêmica inicial foi em Química, tendo inclusive realizado um doutorado nessa área, na Universidade de Viena. Em 1939 fugiu para o Brasil, após uma breve passagem pela Bélgica, acompanhado da esposa, em decorrência da Anschluss – anexação da Áustria pela Alemanha de Hitler. No Brasil aprendeu português por meio da literatura nacional e rapidamente tornou-se especialista em literatura brasileira e renomado crítico literário. A partir de 1941, com o apoio de Álvaro Lins, passou a escrever suas críticas e outros textos no jornal carioca Correio da Manhã, onde ficou conhecido por sua erudição. Entre 1964 e 1978 – ano de sua morte – Carpeaux escreveu para inúmeros jornais alternativos de resistência ao regime militar.

do campo intelectual brasileiro após o Golpe de 1964². O propósito de investigar a posição social assumida por Otto Maria Carpeaux no processo de reorganização dos intelectuais oposicionistas brasileiros nesse contexto permitiu uma definição das características de uma estrutura de sentimento e a compreensão das dinâmicas que garantiram a manutenção de Carpeaux numa posição de destaque entre aqueles intelectuais. Partindo de uma hipótese que encontrou em diferentes formações culturais dos anos 1940, 50 e 60 a gênese da constituição de uma estrutura de sentimento, que integrou e contribuiu para a reorganização dos intelectuais de oposição nas resistências culturais no Brasil pós-Golpe. Dessas formações culturais destaco a presença de instituições que as compuseram, como a grande imprensa, a imprensa alternativa, a crítica cultural – literária, musical, teatral etc. – e partidos políticos de esquerda, nos quais Carpeaux teve participação ativa, com exceção dos partidos políticos.

Nesta pesquisa avaliei o impacto da produção crítica de Carpeaux entre os anos 1930 e 50 sobre sua atuação militante nos 1960 e apresentei outra hipótese que permitia estabelecer relações entre sua produção pré e pós-Golpe de 1964. Esta hipótese situou Carpeaux a partir da dialética *continuidade x inflexão* sustentada por categorias que serão expostas e definidas no decorrer do artigo, como: tradição, passado e resistência. O que se constatou foi que Carpeaux utilizou o ofício de crítico literário não apenas para a sua sobrevivência financeira, mas também

como uma forma de revisão de valores e estratégias políticas defendidas na fase austríaca. Para isso, ele realizou um retorno crítico e adaptativo ao que ficou do passado de sua vida pessoal e profissional mediado por tradições religiosas do catolicismo e do barroco, bem como do engajamento político-militante de sua resistência aos riscos políticos encarados pela Áustria. Aquilo que Otto Karpfen produziu nos anos 1930 ainda podia ser observado de maneira fragmentada e reprocessada no que Otto Maria Carpeaux produziu no exílio até o fim de sua vida. Portanto, nota-se sempre uma presença do passado, mas que quando se volta para o presente oferece uma síntese ininteligível para quem reduz sua obra a fases – europeia/exílio/Golpe de 1964 – sem ou com pouca conexão entre elas. É por isso que o recurso da dialética permite uma visão mais profunda sobre a complexidade manifestada por Carpeaux em todas as suas décadas no Brasil, especialmente nos anos subsequentes ao Golpe de 1964. Sem esse olhar dialético, a obra de Carpeaux poderia ganhar interpretações que falseiam suas intervenções culturais e políticas, pois conseguem sem muito esforço encontrar um excesso de passado sobre o presente ou uma total ruptura do autor com seu passado. Saber até que ponto passado e presente dialogam em toda a obra jornalística de Carpeaux – inclusive na pouco conhecida produção na imprensa alternativa – sem incorrer em simplificações foi o que levou à confirmação da hipótese da dialética de continuidades e inflexões, sendo, portanto, apresentada como uma tese.

² Ao me voltar para as produções de Otto Maria Carpeaux entre os anos de 1920 e 1930 irei me referir a ele como “Karpfen”, seu nome de registro oficial.

³ Castro, T. B. (2022). *Passado, Tradição e Resistência: dialética de continuidades e inflexões na obra jornalística de Otto Maria Carpeaux*. Campinas, SP. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 185p.

Como se sabe, Carpeaux esteve em contato com diferentes contextos intelectuais europeus entre as décadas de 1920 e 1930, contudo todos os projetos nos quais sabemos que ele esteve engajado eram de orientação político-religiosa católica e chancelados pela própria Igreja. Para esta pesquisa, três momentos foram primordiais para posicionarmos e analisarmos a obra jornalística de caráter político do intelectual em questão. O primeiro momento se localiza nos anos 1930 em Viena, fase de sua vida ainda pouco conhecida ou explorada; o segundo é no Rio de Janeiro, entre 1940 e 1964, quando sua atividade na grande imprensa se concentrava especificamente em escrever crítica literária; e o terceiro momento é o do pós-Golpe civil-militar de 1964, quando Carpeaux passa a compor a imprensa alternativa de esquerda e a cerrar fileiras das resistências culturais, e mesmo se aproximar da luta armada.

Em que pesem as diferenças de época, continente, cultura, idioma etc., houve dois elementos que, para Carpeaux, serviram para diminuir a distância temporal e espacial e despertar a memória da época de sua fuga de Viena. Trata-se do autoritarismo e do engajamento. São elementos comuns a duas estruturas de sentimento vivenciadas por Carpeaux em Viena e no Rio de Janeiro e servem como estruturantes das características da dialética continuidade x inflexão, que são: tradição, passado e resistência. Nos dois momentos o autoritarismo foi vivido por Carpeaux na forma de engajamento. Ao defender uma política baseada no barroco católico para a Áustria, ele acabou por se empenhar na defesa de uma forma autoritária de governo, que era a monarquia dos Habsburgos; quando se engajou na defesa da autonomia

austriaca após a Grande Guerra, ele se opôs a formas autoritárias, na qual de um lado estava a monarquia e do outro o pangermanismo nazista.

No Brasil, a relação que Carpeaux empreendeu com o seu novo campo intelectual, a partir de 1940, com novos sujeitos e temas moldou uma dialética de “continuidade e inflexão” que era constantemente acionada pelos elementos de tradição religiosa, passado representado por sua vida pessoal, relações interpessoais estabelecidas e o autoritarismo político, e a resistência com seu engajamento na luta política pela autonomia da Áustria, que após 1964 teria um efeito mais prático sobre os escritos e na militância de Carpeaux. Aspectos essenciais de sua trajetória intelectual europeia não foram completamente abandonados ou simplesmente ressignificados após o Golpe de 1964. Houve de sua parte um reprocessamento dos temas que ora remetiam aos valores católicos e barrocos de sua fase europeia, ora se afinavam com o ideário das esquerdas católicas ou comunistas.

Viena fin-de-siècle: o passado revisado de Carpeaux

A fase europeia da vida de Otto Maria Carpeaux, e precisamente o período entre Guerras na Áustria, pode ser bem elucidada a partir de sua aproximação e comprometimento com o programa clerical do Partido Social Cristão (Silva, 2015, p. 226) e em seu trabalho como crítico de política internacional na imprensa de Viena. As críticas de Karpfen assumiam certa particularidade entre os intelectuais e artistas católicos dos anos 1920 e 30, pois resgatavam valores perdidos há tempos ou pulverizados na sociedade vienense

daquele período. É plausível afirmar que as análises críticas propostas por Karpfen tinham um conteúdo romântico de resgate de uma estrutura política, social e cultural antiquadas e não mais compatíveis com a *zeitgeist* das primeiras décadas do século XX. Pela própria maneira como ele se posicionava frente às questões de seu tempo e por sua postura engajada, Otto Karpfen era um sintoma daquelas transformações de décadas que vinham ocorrendo.

Na década de 1950, após mais de dez anos vivendo no Brasil, numa coletânea de textos intitulada *Retratos e Leituras*, Otto Maria Carpeaux escreveu algumas memórias sobre Viena, ou melhor, sobre as “Reminiscências vienenses”. Neste breve artigo Carpeaux manifesta um pouco do seu descontentamento com o que Áustria havia se tornado. Era como se ele ainda pudesse escutar os ecos dos intermináveis ensaios noturnos de Gustav Mahler com seus músicos. Mas também complementa o que se lia em 1934, em *Caminhos para Roma*, um dos livros publicados por ele em sua fase europeia:

Mas o resultado? Os sonhos de perfeição artística, depois do esplendor feérico de uma apresentação na Ópera Imperial, acabaram nesta mesma noite. Só ficam reminiscências. Até o canto litúrgico, ininterrupto desde há séculos, na atmosfera espanhola da capela do Paço Imperial dos Habsburgos, já acabou. Acabou o próprio Império dos Habsburgos, que parecia construído para toda a eternidade, deixando nas almas um vago sentimento de “Tudo em vão”. Ou será o último reflexo do Vanitas, vanitatum vanitas do Barroco e da dinastia espanhola? (Carpeaux, [1953] 1999a, p. 630).

Na literatura, Karpfen mostra que as mudanças no formato da obra, deixando de ser uma epopeia para se tornar contos breves, é um dos resultados desse mesmo processo de longa duração que esvaziou a arte de seus princípios religiosos e a preencheu com os valores da sociedade burguesa.

A epopeia chega ao fim; é comprida demais e tediosa demais para um homem de negócios que tem muito pouco tempo. Abrevia-se primeiro em romance, depois em novela e finalmente em conto. O drama requer estatutos religiosos e morais absolutos em favor ou desfavor dos quais os seus heróis vençam ou caiam; a sociedade burguesa liberal, contudo, desacreditando da “absolutidade” dos valores, deixa-os subir e descer como as cotações da bolsa (Carpeaux, [1934] 2014, p. 107).

Karpfen não poupava de críticas as religiões não cristãs, fossem elas europeias ou do Oriente. Em sua análise não havia outra religião capaz de salvar a arte de sua desfiguração que não o catolicismo romano. Num capítulo dedicado a analisar a situação das artes naquele período e explicar as possibilidades de renovação, o autor destaca nomes que considerava expressões católicas de sua época. Suas conclusões, apesar de previsíveis, visto o caráter panfletário do livro, seriam a base para as suas reflexões sobre política nos textos em jornais e no livro *A missão europeia da Áustria* (1935).

Como brevemente mencionado, Karpfen elencava alguns artistas, intelectuais, políticos e publicistas como verdadeiros homens austríacos. Dentre todos os nomes

que Karpfen citou em seus livros e artigos para jornais e revistas tanto na Áustria quanto no Brasil, há um em especial que aparece diversas vezes e que, devido a isso, julgo importante fazer um aprofundamento a fim de esclarecer as bases conservadoras de Karpfen, bem como as inflexões que ocorreriam nas décadas seguintes.

O autor em questão é o poeta Hugo von Hofmannsthal (1874-1929), cuja principal obra, intitulada *Der Turm* (A Torre), de 1927, foi objeto de extensas reflexões literárias e políticas de Otto Karpfen/Carpeaux. Também esse poeta foi uma figura destacável no contexto da crise da cultura liberal vienense. Nascido de uma família rica tipicamente vienense daqueles anos, ou seja, meio aristocrática, meio burguesa, Hoffmannsthal foi uma síntese da tradição estético-aristocrática da burguesia. Ao dar um testemunho na forma de artigo para jornal, Karpfen, já rebatizado como Carpeaux, nos primórdios dos anos de 1940 deu destaque às origens católicas do poeta vienense. “Hofmannsthal sempre foi um católico exemplar, no sentido também de uma universalidade ecumênica, compreensiva”⁴ (Carpeaux, [1942] 1999b, p. 141).

Carpeaux também alude ao fato de que a poesia de Hofmannsthal inaugura a época simbolista na poesia de língua alemã, e que esta é uma época especificamente austríaca. Entretanto, o brilho do poeta que encantava a nova

e velha intelligentsia vienense, ávida por conteúdos e mercadorias culturais, se torna exíguo por anos e, mesmo quando tenta retornar, reaparece sob a forma de obras rasteiras e mal elaboradas. Nos dizeres de Carpeaux, essa foi uma época na qual o poeta apresentou “obras falidas, malfeitas, tragédias gregas com um histerismo insuportável, arranjos de velhas peças inglesas, comédias sem força cômica” (Carpeaux, [1942] 1999b, p. 141-142).

Neste ponto da análise de Carpeaux, é necessário reestabelecemos as conexões entre o poeta, a vida cultural vienense marcada pela crise do fin-de-siècle e acontecimentos políticos. Primeiro cabe destacar que Carpeaux, nesse artigo publicado em 1942, não se detém nesse contexto austríaco que coincide com o que ele julga ter sido uma queda na qualidade da obra de Hofmannsthal. Carpeaux é bastante sumário ao comentar essa passagem, na qual antecipadamente ele destacou a decadência do Império Habsburgo no decorrer do século XIX com o seguinte trecho:

Pois sobre a graça vienense deste poeta de 17 anos paira ainda o céu dos imperadores Habsburgos, de origem espanhola, da dinastia que governava, política e espiritualmente, esse império, e enchia a atmosfera da cidade com sua piedade barroca e o seu ceticismo desiludido e

⁴ Este período é visto por Carpeaux como sendo o da dolorosa morte e um espírito de puro esteta (1999b, p. 142); no entanto, Schorske (1988) oferece uma análise que apresenta Hofmannsthal iniciando o seu interesse pela vida dos instintos, que o teria levado “a dramas tão magníficos como *Electra* e *Veneza preservada*, na primeira década do nosso século. [...] A contribuição foi mostrar que a beleza, que sua cultura considerara simplesmente como uma escapatória do mundo cotidiano, apontava para um outro mundo: o âmbito mal definido do irracional” (p. 39). O fato de Carpeaux, em 1942, em um artigo com elementos bastante autocríticos, considerar essa fase do poeta como sendo de baixa qualidade contribui também para atestar que os aspectos básicos de sua “visão de mundo” barroca não haviam sido eliminados pelos traumas que passou no período entreguerras. O elemento estético da poesia fazia a referência ao conceito de arte definido por Karpfen, em 1934, contudo os elementos instintivos derivavam da noção barroca de crise, de secularização e do afastamento que a arte tomara em relação à Igreja Católica.

*transcendente – essa sabedoria vienense-espanhola que sabe que a vida não passa de um sonho e que sonho é a vida*⁵ (Carpeaux, [1942] 1999b, p.141).

Observa-se com essa passagem que o tom usado por Carpeaux vai expressar um primeiro sentimento ou passo no sentido de se afastar de seu livro *Caminhos para Roma* (1934). Enquanto nesse livro havia uma defesa intransigente da cultura barroca habsburga, no trecho citado a referência aos imperadores não mais projeta um futuro glorioso para a Áustria. Ao contrário, nessa passagem do artigo já há elementos de ressentimentos que serão manifestados em outros artigos da mesma década e da seguinte. No entanto, toda a crítica que ele elucidara no livro de 1934 a respeito da massificação e do afastamento do catolicismo por parte dos artistas se faz ainda presente em todos os trechos do artigo citados até aqui.

A fuga para o Brasil parece ter deixado como primeira consequência a consciência de que aquilo que ele defendera em extensas páginas dos livros e jornais na década de 1930 já não poderia mais se concretizar; eram, assim, datados. A base ideológica de Karpfen moldada pelo barroco católico austríaco não havia sido fortemente abalada, apenas o projeto político sustentado sobre essa base é que ruíra após o Anschluss. Porém, mais do que uma consciência de que seu projeto político fracassara após 1939 é a percepção mais apurada que ele apresenta sobre as condições gerais da Áustria após a Primeira Guerra Mundial.

Camparemos, então, passagens contidas em *A missão europeia da Áustria* (1935) com todo o seu sentido político-militante, e alguns trechos do artigo de 1942. No livro em questão, ao explicar sobre o futuro da Áustria, Karpfen (*apud* Ventura, 2002) fala de “uma decepção com o colapso da Áustria (*Finis Austriae*) em 1918”, porém adverte que “a Áustria não está morta [...] O pensamento austríaco saiu vitorioso de uma prova de força. E 1918 não foi o fim, mas apenas um episódio na história do pensamento austríaco” (p. 235). Havia, como já dissemos, um plano, um projeto político e cultural sustentado nas tradições católicas e na longínqua história dos imperadores Habsburgos.

No artigo (1942), entretanto, a visão manifestada *post festum*, mais precisamente seis ou sete anos depois da publicação daquele livro, parece mais pragmática sobre o que realmente havia acontecido com a Áustria após a derrota na Primeira Guerra. Ao comentar sobre o período improdutivo e ineficaz da vida e obra de Hofmannsthal, Carpeaux escreveu:

O poeta não está morto. Mas o seu mundo morre. É a Grande Guerra. Tudo, em torno dele, se desfaz. A Viena de outrora já não existe. O velho Império treme até os fundamentos. Hofmannsthal encontra em si uma consciência política. Desesperado, escreve fragmentos sobre fragmentos, ensaios sobre ensaios, ocupa-se da reconstrução futura da Europa, e interna-se cada vez mais na mística católica do barroco. E quando desperta do seu sonho anacrônico, encontra-se em face das ruínas da Áustria

⁵ Esse aspecto do sonho é central para a análise de autores do fin-de-siècle e todo o desdobramento disso será explorado futuramente por Carpeaux em outro artigo a respeito de Hofmannsthal. Falarei sobre isso adiante.

e da Europa (Carpeaux, [1942] 1999b, p. 142, grifos nossos).

Ao falar de Hofmannsthal, Carpeaux aparenta estar pronunciando uma crítica a si próprio e aos seus anseios, durante os anos de 1930, de que a Áustria ainda cumpriria a sua missão. Comentei anteriormente que Karpfen, como um correligionário do Partido Social Cristão, parecia vinculado a um posicionamento muito mais conservador comparado aos seus pares ou aos de fato filiados ao partido, e até mesmo reacionário, sob o ponto de vista político e cultural. Neste excerto acima a (auto)crítica é realizada por e para ele mesmo ao se dirigir ao poeta que expressava a verdadeira essência do povo austríaco. Há um breve reconhecimento de que o apelo às tradições católicas e barrocas dos Habsburgos era expressão de anacronia.

O fim da vida de Hofmannsthal é como o despertar de um sonho no melhor estilo barroco de interpretar a vida. Não por acaso, Carpeaux retoma mais de uma vez a releitura que o poeta vienense fizera da obra *La vida es sueño* (1635), do poeta espanhol Calderón de la Barca (1600-1681). A versão de Hofmannsthal chamada *A Torre* foi minuciosamente analisada pelo crítico austro-brasileiro em outro artigo publicado numa coletânea em 1953. Por ora, frisemos as relações que Carpeaux estabeleceu entre a vida do poeta e o fim trágico da grande Áustria.

É com algum ressentimento que Carpeaux anunciou em seu artigo que a peça *A Torre* jamais seria encenada em seu país de origem. Recebida pelos literatos como enfadonha em seus arranjos à moda esnobe do barroquismo, a literatura

viva sequer tomou conhecimento dessa publicação e, por conseguinte, realmente nunca foi encenada. O conteúdo de *A Torre* é a encenação do fim de uma era, a do Império da Casa da Áustria, da vitória das massas incultas e de um povo de origem alemã que perdera sua identidade. Se o fim de sua vida representava o despertar do sonho, a sua morte era a maneira mais realista de se verificar a noção de crise que vimos Karpfen apresentar em *Caminhos para Roma* ao seu estilo e visão de mundo barrocas:

[...] em 1929, ele morreu, uma morte quase simbólica, à beira do túmulo de seu filho, que, atormentado pela guerra, pela revolução, pela inflação, se suicidara. Uma morte à beira do túmulo do mundo. De acordo com a sua disposição testamentária, Hofmannsthal foi enterrado vestido do hábito da Ordem Terceira de São Francisco, na cripta da família. Uma velha família se extinguiu (Carpeaux, [1942] 1999b, p. 142).

Nos anos que precederam a publicação da peça *A Torre*, Hofmannsthal estava imerso nos estudos para precisar o caráter particular da literatura austríaca. Era a maneira do poeta para “reconciliar a sua posição austríaca, a sua posição alemã e a sua posição europeia” (Carpeaux, [1942] 1999b, p. 142-143), pensamento este não muito diferente do que foi o manifesto político *A missão europeia da Áustria* para Otto Karpfen. Como quase todos os artistas, intelectuais, políticos e o povo austríaco, que viveram a transição entre os séculos XIX e XX e os horrores da Primeira Grande Guerra, os problemas

de entender a sua identidade no contexto europeu era um grande tema a ser refletido por Hofmannsthal.

Para Carpeaux esse impasse tinha uma resposta direta e objetiva: “Eis a nossa tese: Hofmannsthal escrevia em língua alemã, mas não era um poeta alemão” (1999b, p. 143). O poeta era, portanto, um filho legítimo da Casa da Áustria, representava o Sagrado Reich Romano e a supranacionalidade da Igreja Católica. Essa defesa era uma maneira de dizer que a Áustria acabou, mas seus fantasmas ainda vagam pela Europa Central, pois, se na política eles foram derrotados, na sua história existem os verdadeiros marcos da não rendição ao Reich alemão, o não afastamento dos valores cristãos austríacos. Na visão de Carpeaux, a poética de Hofmannsthal é o último reencontro do povo austríaco com sua pátria no leito de morte:

Então, precisamente então, a Áustria ressuscita na poesia de Hofmannsthal. Ele dá testemunho. E dá testemunho nas grandes formas do teatro barroco, porque estas eram a criação própria da civilização barroca, da civilização do Império católico, espanhol-habsburgo, do Império da Casa d'Áustria. Em Hofmannsthal, a literatura austríaca realiza, enfim, a sua alta função política. Mas já é uma política anacrônica, do passado (Carpeaux, [1942] 1999b, p. 144).

Por fim, Carpeaux reconhece que não há mais Áustria, e isso explica o porquê de não conhecerem o poeta Hugo von Hofmannsthal. Pouco importava se sua poesia era escrita em alemão. Ele era uma poeta austríaco. Duas passagens do artigo de 1942 são representativas de como o próprio Carpeaux começava a deixar de ser

o Karpfen. E isso não significa ruptura, ao contrário, foi mais um traumatismo ético-cultural e político-moral que o colocou na obrigação de manifestar sua autocrítica por meio de sua nova produção no campo da crítica literária brasileira.

No aspecto ético-cultural, a primeira experiência de traumatismo aconteceu quando se converteu ao catolicismo e se incumbiu de ser um intelectual leigo da Igreja Católica. Suas críticas à cultura massificada da Europa no século XX demonstram uma visão de mundo que nunca pôde se manifestar em sua plenitude, mas apenas nos resgates românticos dos elementos culturais do passado. Por outro lado, eventos políticos internos e externos, como a Primeira Guerra Mundial, a Revolução Russa, a vitória dos socialistas à prefeitura de Viena, representaram uma sequência de traumatismos político-morais de Karpfen. E, apesar de sua juventude, esses eventos me permitiram anteriormente conjecturar a respeito de sua conversão do judaísmo ao catolicismo, que se daria no começo da década de 1920. No intuito de encontrar os caminhos que pudessem salvar a Europa da barbárie representada pela Guerra, os caminhos para Roma expressavam um moralismo romântico – cuja origem se encontrava na própria cultura alemã – e cristão que tendia a “entrar em conflito com a ideologia e a prática liberal individualista” (Löwy, 1979, p. 5), que envolvia a aristocracia e a classe burguesa vinculada a ela. Foi com esses traumatismos, portanto, que Karpfen chegou ao Brasil e iniciou seu novo trabalho intelectual.

Carpeaux vivia sob as reminiscências de Karpfen. Era como se Otto Karpfen ponderasse as ideias de Otto Maria Carpeaux. A passagem transcrita anteriormente é um reexame de um

Karpfen pós-1918, que militou em defesa da Casa da Áustria e da soberania de seu país⁶. A segunda transcrição é a revisão dos princípios e estratégias político-ideológicas presentes em seu segundo livro publicado em Viena, no ano de 1935:

Com Hugo von Hofmannsthal, uma velha família se extinguiu. A família dos povos austríacos se extinguiu também. O poeta está esquecido, e a sua pátria está esquecida. Mas, espiritualmente, a Áustria continua, porque, “para o espírito, tudo está presente”. Esta presença abrange um passado e um futuro. Não sei se esta Áustria que acabou voltará um dia, e nem o creio sequer. De qualquer forma, porém, a Áustria continua com uma missão, uma tarefa da Europa. A separação dos povos pela força fracassou, a sua reunião pela força fracassará também. Falta construir uma Europa cristã, união acima das nações. Não é a preocupação de renovar a Áustria, é a tarefa de criar uma outra Áustria que será a Europa (Carpeaux, [1942] 1999b, p. 146).

Como explicado um pouco antes, não se observa com este excerto uma ruptura com o passado católico e barroco. Tratou-se basicamente de uma primeira revisão dos próprios escritos, sobretudo os de caráter político. Não é fortuito que Carpeaux nunca se interessou em dar entrevistas para comentar sobre sua vida e obra nos tempos de Áustria. Sua resposta, frequentemente lacônica aos jornalistas

e estudantes que o procuravam para uma entrevista era sempre a mesma: *aquilo já está superado*. Obviamente que nos fica o eco destas palavras e me coloco a pensar se tudo aquilo que estava superado era a obra escrita por ele, e com isso, superado teria sido o pensamento político-ideológico; ou, se superados teriam sido os traumas ético-culturais e político-morais resultantes da Primeira Guerra Mundial e de sua fuga após o *Anschluss*. Essas questões serão desenvolvidas na sequência, quando abordarei as causas da inflexão e os posicionamentos políticos de Otto Maria Carpeaux.

Ao se conhecer um pouco mais da História da dinastia, do barroco e da Áustria, tornam-se mais compreensíveis os posicionamentos conservadores de Karpfen em seus dois livros e artigos jornalísticos escritos na década de 1930.

Algumas mudanças de posicionamentos de Carpeaux a partir da década de 1940 podem ser entendidas como uma “libertação” da torre, que representava o aprisionamento de instintos de toda ordem, inclusive uma fortaleza do próprio indivíduo. Sua missão de defender a Casa da Áustria se encerrou quando a Áustria deixou definitivamente de existir em 1939. A autocrítica e a revisão de Carpeaux são como o atestado de óbito que ele escreve sobre sua pátria. Ele percebe que cumpriu com a sua vocação católico-barroca em um país que vivia à beira do abismo havia séculos. A autocrítica não é autopenitência ou ruptura com o passado, com Otto Karpfen; ela serve para reorganizar a

⁶ Reescrevo a citação aqui para facilitar o acesso do leitor. “Pois sobre a graça vienense deste poeta de 17 anos paira ainda o céu dos imperadores Habsburgos, de origem espanhola, da dinastia que governava, política e espiritualmente, esse império, e enchia a atmosfera da cidade com sua piedade barroca e o seu ceticismo desiludido e transcendente – essa sabedoria vienense-espanhola que sabe que a vida não passa de um sonho e que sonho é a vida” (Carpeaux, 1999b, p. 141).

vida no exílio e poder falar abertamente sobre os culpados da crise austríaca, a dinastia Habsburgo. “*Dei providentia et hominum confusione Austria ducitur*” dirá Carpeaux sobre essa tragédia, que trouxe como uma das piores consequências o ceticismo e a falta de patriotismo do seu povo. “[...] a gente austríaca convenceu-se da inutilidade de todos os esforços, nesse ou naquele sentido, e a *sabedoria do sonho* transformou-se em ceticismo malicioso: a última herança do erasmismo europeu foi a falta absoluta de patriotismo na Áustria” (Carpeaux, [1953] 1999c, p. 529).

Nisso também se completa a análise de Carpeaux sobre a peça de Hofsmannsthal, pois não havia a possibilidade real de ela terminar com um “final feliz”, tal qual a versão de Calderón. O poeta que presenciou os liberais e depois socialistas na prefeitura de Viena, a oposição do príncipe herdeiro Rodolfo ao seu pai Francisco José, o trágico incidente de Mayerling, dissolução do Império, Guerra etc. não poderia, com toda a sua melancolia e pessimismo barrocos, concluir a obra se não com uma tragédia que anunciava o fim de uma era.

Por fim, podemos tirar como premissa fundamental que Carpeaux se aferrou à crítica literária como principal ofício em solo brasileiro não apenas porque isso lhe surgiu como possibilidade de sobrevivência. É provável que alguém como ele conseguisse colocações em outras áreas do campo cultural e intelectual do país, talvez pleitear uma das escassas e mal remuneradas vagas na docência no ensino superior, já que por alguns meses ocupou a função de bibliotecário de uma universidade no Rio

de Janeiro. A permanência de Carpeaux na crítica literária nos rodapés de grandes jornais foi a sua maneira de permanecer livre para revisar o passado, interpretar o presente e para se recolocar como sujeito no mundo. Ele se utiliza de seu método de crítica literária para falar de si para si mesmo e provocar nos leitores as reflexões temáticas que ele trazia.

Dialética de continuidades e inflexões: tradição, passado e resistência

A passagem da década de 1930 para a de 1940, que foi marcada pela fuga de Carpeaux e sua esposa Helena para o Brasil, não impactou nas elaborações e sínteses teóricas do austríaco no que se referia às relações entre política, Estado e Igreja. Como é possível observar no ensaio “Teatro e Estado do Barroco”, sem especificação de data, mas escrito por Carpeaux em sua primeira década no Brasil, os temas e ideias, além do espírito da Contrarreforma, aparecem com a mesma convicção teórica expressa pelo autor quando ainda em Viena. São citados pensadores cristãos⁷ que se opunham ao maquiavelismo e defendiam os princípios do Estado cristão.

Comparar esse ensaio dos anos 1940 – que é provavelmente o mais denso escrito por Carpeaux sobre a temática política – com demais artigos assinados por ele, inclusive na década seguinte, e cujo objeto era Maquiavel ou o Estado, nos oferece uma perspectiva do processo de inflexão no pensamento do ensaísta. Em “Teatro e Estado do Barroco” a imagem política de

⁸ Dentre os nomes citados por Carpeaux estão: Guillemus Lamormaini, Francisco Gomes de Quevedo, Diego Saavedra Fajardo e Antonio Vieira.

Maquiavel é exposta com todo o rigor moral do barroco contrarreformista presente também no livro *Caminhos para Roma*.

Seria, no entanto, nos anos 1960 que Carpeaux deixaria mais evidentes os elementos de *tradição, passado e resistência* da dialética *continuidade x inflexão*. No ensaio “Sociologia barroca”, publicado no jornal *O Estado de São Paulo* em 1965, Carpeaux expressa uma visão mais crítica em relação ao barroco. Essa crítica não implicava, como dissemos, o completo abandono da importância e da influência da visão de mundo barroca em sua vida. O que se entende desse artigo bastante conciso é que o racionalismo burguês havia derrotado a influência das outras classes sociais em todos os campos – político, econômico e cultural. Quem estivesse naquele contexto se baseando numa Sociologia Barroca para entender o Brasil, estaria fugindo das demandas intelectuais do país no pós-Golpe de Estado de 1964. Essa posição vai marcar uma total distinção entre a maneira como Carpeaux concebia o papel dos intelectuais nos anos 1930 e 40 com a sua concepção dos anos 1960. Na frase inicial do texto, ele escreve que: “Em tempos difíceis há quem procure refugiar-se no passado. Mas nunca se alcança esse fim: pois o passado que conhecemos é reflexo do presente. Exemplo disso é a sociologia barroca” (Carpeaux, [1965] 2005, p. 707). Ele ainda sustenta um aspecto importante do método barroco, que é a compreensão de um presente que guarda elementos do passado, como a “mentalidade”, por exemplo.

É correto, dessa forma, afirmar que a teoria de Estado assumida por Carpeaux em seus dois livros publicados na Áustria, e em parte de sua obra de crítica literária dos anos 1940 e 50, ressoava todos os elementos do prudencialismo barroco de sua formação vienense. No entanto, a obra jornalística de Carpeaux possui momentos de inflexões, inclusive temáticas. Os seus textos de política internacional do *Correio da Manhã*, da revista *Civilização Brasileira* e da *Folha da Semana*, por exemplo, estão muito mais próximos das preocupações políticas de Carpeaux dos anos 1930, quando escrevia sobre diplomacia e Estado, porém o método barroco se fragmenta, e o próprio catolicismo ficaria obscurecido em seus posicionamentos políticos.

A influência e os elementos do barroco em Carpeaux vão se tornando fragmentários na medida em que o ensaísta se volta para as questões políticas do pós-Golpe, consideradas por ele como urgentes. Nas críticas literárias, o barroco assumiu mais do que uma visão de mundo, mas um método de análise das obras e um recurso de autocritica e reavaliação das ideias da década de 1930; nas análises políticas, por sua vez, tudo o que foi até aqui descrito sobre a prudência barroca conservadora e a oposição ao maquiavelismo praticamente desaparece do pensamento político de Carpeaux nos anos 1960.

Isso é uma expressão do elemento de *resistência* da dialética *continuidade x inflexão*, pois ele retoma as preocupações políticas presentes em *A missão europeia da Áustria* (1935) de análise política, diagnósticos diplomáticos do pós-guerra etc., com a finalidade de se recolocar no campo intelectual, que estava se reestruturando com base no temário

das resistências culturais de esquerda. Portanto, Carpeaux mobilizou após o Golpe o seu capital cultural de forma diferenciada em relação à sua chegada ao Brasil, ressignificando os elementos de *tradição, passado e resistência*. A erudição, pressuposta no barroco, é mantida por Carpeaux, pois isso é característico de sua formação, de sua tradição absorvida na Europa. Entretanto, no lugar de desenvolver o temário típico do barroco, ele desenvolve o temário das esquerdas, inclusive a comunista, dos anos 1960.

Os fragmentos barrocos aparecem de forma sutil, como nas aproximações e distanciamentos de valores políticos, democracia e ditadura, golpes e revoluções, diplomacia e guerras, esquerda e direita, liberdade e resistência etc.

Discussão teórico-metodológica para se entender a dialética de continuidades e inflexões

Nesta pesquisa buscou-se um recurso teórico-metodológico que permitisse explicar sociologicamente as causas das inflexões e tomadas de posição de Otto Maria Carpeaux em sua obra jornalística no Brasil. Para além disso, foi necessário encontrar um aporte teórico que sustentasse a tese da dialética de continuidades e inflexões. Optei, assim, por uma compreensão dos posicionamentos de Carpeaux tendo como referência o materialismo cultural de Raymond Williams, sobretudo os conceitos de *formação cultural e estrutura de sentimento*.

É factível a afirmação de Paul Filmer (2009) de que o “conceito de estruturas do sentimento continua a ser a chave metodológica mais apropriada para a elucidação crítica das práticas artísticas através das quais as obras de arte

se relacionam sociologicamente aos processos sociais gerais” (p. 374). E acrescento que não apenas às artes, mas a toda expressão no campo da cultura, como no caso da imprensa e sua capacidade de intervir mais diretamente no campo político, inclusive se tornando uma fomentadora de tensões, devido à sua interlocução direta e imediata com o público e à sua linguagem mais elucidativa.

No caso de Otto Maria Carpeaux, o conceito de estrutura de sentimento me possibilitou observar de que forma o ensaísta articulou experiências junto a um grupo de intelectuais de orientações teóricas e ideológicas diversas, no contexto do pós-Golpe e da imprensa alternativa, retomando as experiências vividas desde a Áustria e Brasil nas décadas de 1930, 40 e 50.

O “sentimento”, do qual se fala na teoria de Raymond Williams, ressalta uma distinção dos conceitos de “visão de mundo” e “ideologia”. Quando Carpeaux se referia ao barroco como uma “visão de mundo”, podemos dar conta dessa ideia baseados na maneira como Williams descreveu a categoria “sentimento”. Trata-se de significados e valores tal como vividos e sentidos ativamente e suas relações com crenças formais e/ou sistemáticas. Não é sentimento em contraposição a pensamento, mas pensamento tal como sentido, e sentimento tal como pensado (Williams, 1992, p. 134).

Acompanhando este raciocínio, podemos concordar que a “estrutura de sentimento considera mais importante o peso de se vivenciar um valor ou ideia do que propriamente realizar uma conceituação excessivamente precisa” (Sousa, 2017, p. 15). A realidade política brasileira a partir de 1964 nos revela

o quanto os intelectuais vinculados à imprensa alternativa depositavam confiança naquela forma de organização para garantir a permanência dos projetos iniciados antes mesmo daquele ano com a finalidade de resistência contra a ditadura. Experimentavam uma forte expressão de organização política e intelectual, e a confluência de ideias que resultavam de campos como a Crítica Literária, político-partidário, jornalismo, artes, acadêmico e outros, que os conectavam a um período anterior da política nacional. Vê-se, então, uma experiência intelectual histórica, que no caso de Carpeaux tinha registros na Viena do começo do século XX. Eis que a noção de “estrutura” nos parece mais clara, pois com suas relações internas específicas, engendradas e em tensão, ela se mostra como uma experiência social em processo “com frequência ainda não reconhecida como social, mas como privada, idiossincrática, e mesmo isoladora, mas que na análise [...] tem suas características emergentes, relacionadoras e dominantes, e na verdade suas hierarquias específicas” (Williams, 1992, p. 134).

É importante saber que o processo de formação e identificação de uma estrutura de sentimento é dinâmico, visto que elas são reconhecíveis numa fase posterior, quando já foram finalizadas, classificadas ou mesmo incorporadas às instituições e formações. No fluxo histórico, as estruturas de sentimento são ou não incorporadas, devido às mudanças no nível da hegemonia. E isso nos ajuda a visualizar melhor o quão dinâmica é a identificação de uma estrutura de sentimento, uma vez que “metodologicamente a estrutura de sentimento é uma hipótese cultural, derivada na prática de tentativas de compreender

esses elementos e suas ligações numa geração ou período” (Williams, 1979, p. 135).

Uma das estruturas de sentimento que se formam no Brasil entre 1964 e 1970 tinha, como elementos mobilizadores dos intelectuais, o autoritarismo e o engajamento. O autoritarismo ainda ecoava do passado europeu de Carpeaux, e o engajamento tinha lastro histórico na sua *resistência* ao Nazismo, nos anos 1930. Houve um uso cada vez menor do expediente do barroco como um capital cultural para estabelecer relações sociais e como uma teoria sociológica para análises da realidade latino-americana daqueles tempos. Isso marca uma inflexão em seu pensamento, pois o barroco permanecia orientando boa parte de suas análises e tomadas de posição. Porém, como forma de enfrentamento ao dogma da racionalidade burguesa no Brasil, a sociologia barroca já não funcionava mais, como ficou constatado anteriormente em seu artigo “Sociologia barroca” (1965). Não veremos mais nessa fase de Carpeaux textos com longas análises de fatos políticos à luz dos temas religiosos ou parafraseando os “fatos literários”, como antes fizera ao analisar a obra de Hofmannsthal, pois aquilo era parte de uma Sociologia barroca.

O Golpe de 1º de abril e a implantação da ditadura militar no Brasil apareciam como riscos eminentes quando voltamos para os artigos de política internacional de Carpeaux no *Correio da Manhã*. A expansão da influência norte-americana sobre os países da América Latina era vista por Carpeaux como parte natural do modelo político daquele país sustentado em bases liberais. O liberalismo norte-americano, na óptica barroca, se chocava com a “democracia fundamental” representada

pelo Direito Natural Secundário (Carpeaux, [1965] 2005, p. 710). Portanto, o dogma da racionalidade burguesa vencera nos Estados Unidos e eliminou qualquer vestígio da Sociologia barroca. Ao se expandir esse mesmo projeto para os países que sofreram intervenções norte-americanas, como o Brasil, e obter êxito por meio dos golpes de estado, Carpeaux verificava a necessidade de uma mudança no desenvolvimento de análises política e social: “Sabe-se que a América Latina não acompanhou essa evolução da América anglo-saxônica” (Carpeaux, [1965] 2005, p. 711). Ao tecer elogios a John F. Kennedy, por exemplo, ele poderia ter observado no primeiro presidente católico dos EUA uma possibilidade de garantia das tradições barrocas do Brasil e demais países do continente. O principal é que a Sociologia barroca, segundo Carpeaux, poderia até explicar os resíduos da sociedade barroca latino-americana, mas é incapaz de fazer frente ao autoritarismo do governo e ao racionalismo liberal burguês, ou seja, “não serve para fugir do tempo presente e dos homens presentes” ([1965] 2005, p. 711).

Como dissemos, o barroco jamais foi plenamente abandonado das reflexões do ensaísta. O que ocorreu foi uma construção mais crítica de seu próprio pensamento político no decorrer das duas décadas precedentes. Pouco nos importa saber se alguns casos anedóticos que perduram na memória sobre Carpeaux são ou não verdadeiros⁸. O mais relevante é saber que o barroco persistiu na vida e obra de

Carpeaux como o elemento de *tradição*. Isso significa que o *autoritarismo*, com todo o seu conteúdo político – golpe de estado, ditadura, censura etc. –, e o *engajamento*, compartilhado como um sentimento de defesa do devir democrático, fecharam o ciclo de autocrítica e revisão de valores iniciado por Carpeaux já nos primórdios da década de 1940. E com isso nós podemos retirar o véu que recobre Carpeaux de um certo mistério sobre seus posicionamentos antes e depois do Golpe de 1964. Enquanto alguns se desdobram em malabarismos argumentativos para situar Carpeaux ao lado de uma direita conservadora, e outros ponderam sobre o seu passado para bem representá-lo como um legítimo intelectual das esquerdas brasileiras, o fato é que Carpeaux trabalhou um *ethos* barroco⁹ em benefício próprio, se articulando com outras pessoas, se adaptando às mudanças do cenário intelectual a fim de permanecer relevante no campo intelectual e coerente com as suas tradições, o passado e a resistência.

Assim, entendo que o *ethos* barroco presente na sociedade e na cultura brasileiras serviu como um mediador de Carpeaux na estrutura de sentimento à qual pertencia com demais colegas e amigos intelectuais. E, ao fazer parte de uma estrutura de sentimento, o barroco não precisou mais ser considerado o principal expediente a ser empregado por Carpeaux. O crítico já possuía um reconhecimento, relações sociais e uma imersão na cultura brasileira que o colocavam em um patamar

⁸ Como no exemplo dado por Olavo de Carvalho em alguns de seus vídeos, sobre Otto Maria Carpeaux precisar rezar escondido para que seus amigos e colegas comunistas não soubessem que ele ainda era católico. Neste exemplo vê-se como, a partir da noção de campo, se Carpeaux ainda mantivesse suas filiações católicas, ele não teria o prestígio e legitimidade suficientes, de acordo com os comunistas. Contudo, foi explicado que, por mais que houvesse disputas no interior do campo intelectual, os comunistas participavam das mesmas formações culturais que a esquerda católica.

⁹ Consultar em: ECHEVERRÍA, Bolívar. El *ethos* barroco. In: ECHEVERRÍA, B. Modernidad, mestizaje cultural, *ethos* barroco. México: UNAM/El equilibrista, 1994.

muito diferente daquele de sua chegada ao Brasil. Nós, que analisamos a obra jornalística desse intelectual, podemos acompanhar esse movimento dialético de elementos que continuam existindo e inflexões que surgem na trajetória do autor, mas sem a preocupação de usar o barroco como uma síntese do conteúdo e das formas de seus textos, como era nos anos 1940 e 50, nos quais, sem considerar as expressões barrocas, não se capturavam em profundidade os artigos do autor. No pós-Golpe os traços do barroco estão presentes, mas coexistindo com outras formas e conteúdos, tais como os das esquerdas. O resultado disso é que conseguimos situar Otto Maria Carpeaux entre liberais e esquerdas, sem precisarmos ser taxativos quanto a sua posição social e política definitiva.

Esses movimentos de inflexões e continuidades ficam visíveis quando observamos os textos de Carpeaux na imprensa alternativa. Como sabemos houve um afluxo de intelectuais da grande imprensa – com destaque para o *Correio da Manhã* – para os periódicos da chamada imprensa alternativa. Esse trânsito de intelectuais de diferentes matizes ideológicas se diversificou e deixou mais complexos os debates propostos nessas publicações. O próprio Carpeaux passou a atacar o regime de forma menos comedida e trouxe para seus textos um diálogo cada vez maior com os temários comunistas e das guerrilhas, fossem na forma de crítica ou de apoio aos métodos empregados. A questão dos intelectuais no Brasil, intervenções dos EUA, a revolução, a universidade e os estudantes foram os assuntos mais abordados por Carpeaux em sua coluna na *Folha da Semana*. Os temas referentes à Igreja e ao catolicismo tiveram

uma presença quase nula nos artigos de Carpeaux – apenas no artigo de estreia, intitulado “Lenin e o evangelho” (Carpeaux, 1965, p. 11), houve menção digna de nota.

Neste texto de estreia na *Folha da Semana* (n.º 9, 25 de outubro a 3 de novembro de 1965), há uma mudança no tom – se comparado aos seus textos no *Correio da Manhã* – usado por Carpeaux para tratar dos temas: oposições e guerrilha. Carpeaux desfere críticas às estratégias de oposição que fazem uso da violência. Carpeaux trabalha de forma associativa e comparativa, até mesmo um pouco moralista, sobretudo ao questionar os modelos adotados pelos grupos de oposição. Cita a “linha russa” e a “linha chinesa”, esta de inspiração mais violenta e aquela de caráter mais moderado e até mesmo conciliatório. Porém, sua alusão à linha chinesa parte da comparação entre os níveis de agressividade e repressão dos grupos que aderiram a este modelo e àquilo que Carpeaux chamou de “linha latino-americana dos ditadores e golpistas latino-americanos” (Carpeaux, 1965, p. 11). Nesse artigo, Carpeaux não abandonou uma de suas características estilísticas, a da linguagem esópica, que era a referência histórica a acontecimentos ocorridos em outros países. Neste caso ele faz menção à ditadura de Salazar em Portugal, que se arrastava desde 1932. As características desta ditadura eram semelhantes às da ditadura brasileira, e Carpeaux as descreve a partir do seu elemento central, o “dispositivo militar”, ou seja,

os militares encarregam-se da repressão, gozando, em troca, de uma situação privilegiada. No entanto, a ditadura mantém em pé uma fachada constitucional, com pseudoeleições e uma

pseudoassembleia da qual fica excluída toda e qualquer oposição. Essa ditadura assumiu o poder por um golpe, por um ato de violência (1965, p. 11).

Interessante notar que nesse artigo já aparecem dois novos e importantes temas discutidos por Carpeaux no Brasil, que são: como construir uma oposição ao Golpe e à ditadura, e o outro já serve como uma pista de como resolver esse problema, a guerrilha. Neste primeiro texto, ele irá desenvolver ambos os temas de forma mais breve, num tom mais crítico às oposições. Mais à frente, em artigos futuros, a guerrilha se tornaria uma possibilidade crível, sob o ponto de vista do autor. Não é fortuita a sua inusitada aproximação com a Guerrilha do Caparaó na segunda metade dos anos 1960.

Portanto, logo de início percebemos uma grande inflexão no pensamento de Carpeaux. Mas a maneira como ele constrói esse argumento carrega os elementos de *continuidade*. Elementos que não se podem negligenciar, pois são típicos de uma forma de pensar a partir de uma concepção barroca do mundo, mas com traços de adaptação ao contexto latino-americano. O *ethos barroco* estava agindo sobre suas reflexões, visto que tínhamos um Carpeaux muito bem adaptado a este ethos, que carrega em si características centrais como: a adaptação, a dissimulação e a persuasão. Nos textos políticos de Carpeaux permanecem algumas dessas características que foram evidenciadas em suas produções da época de Viena. Essas características continuam, mas adaptadas. Em outros termos, as adaptações pelas quais ele teve que passar se fixaram para atender às exigências de sua nova realidade. Logo, uma das características

do barroco foi bem utilizada, uma vez que a adaptação exigia certa dose de dissimulação e persuasão. E Carpeaux soube manejar isso com perspicácia em sua obra jornalística no Brasil. Ele entregou com eficácia aquilo que se esperava dele enquanto um crítico literário, assim como mudou a forma do texto e o tom político do discurso quando escrevia sobre política internacional. Conhecer os textos de Carpeaux e toda a sua trajetória intelectual católica e barroca, somado ao recurso da dialética de continuidades e inflexões, permite situar melhor o autor entre os grupos de resistência cultural à ditadura e mesmo entre esquerdas, direita e conservadores. Então, ele não precisava ser de esquerda, e possivelmente jamais saberemos se ele realmente se identificava como um esquerdista, mas ele se representava como alguém de esquerda, fosse por uma filiação real ou pelos recursos persuasivos e dissimulatórios do barroco; igualmente, em outros momentos, ele não precisava ser de direita ou um conservador, mas ele se representava como tal, adaptando-se bem em qualquer contexto.

Dessas conclusões esclareço a importância de se saber que *continuidade* e inflexão não se anulam nem geram uma redundância. Existe uma continuidade do pensamento, que vai dos anos 1920 e 30 até o fim da vida do crítico, é um movimento linear e quase sem oscilações. E existem as inflexões, que surgem dessa continuidade e provocam algumas descontinuidades, mas em paralelo, sem eliminar aquela continuidade. Desse ponto de vista, é possível estudar somente as continuidades de Carpeaux, como o fez Olavo de Carvalho em seu ensaio¹⁰; ou podem-se estudar somente as inflexões, que geralmente aparecem nos trabalhos

sobre a obra de Carpeaux no Brasil no campo da crítica literária, ou nas pesquisas de Mauro Ventura, por exemplo. A terceira opção é a forma como eu apresento a vida e a obra de Otto Maria Carpeaux, por via da historicidade e tomando continuidade e inflexão em relação dialética, não separadas. É com isso que atribuo as particularidades metodológicas das minhas contribuições ao considerar que continuidades e inflexões não geram uma redundância ou anulações mútuas, em que pese uma apreciação linguística mais formal dos conceitos.

Considerações finais

Dentre as causas das inflexões de Otto Maria Carpeaux está a continuidade de preocupações vividas na Áustria e em seus primeiros anos no Brasil. Esta é a razão pela qual eu defendo que Carpeaux mobilizava uma dialética entre continuidade e inflexão. Enquanto no passado ele se preocupou em esclarecer as bases histórico-culturais e políticas para se compreender a derrocada do Império Austro-húngaro entre os séculos XIX e XX, nos anos 1960 ele transferiu essa preocupação para o esclarecimento do Golpe civil-militar de 1964 (Castro, 2022).

Espera-se que o recurso teórico-metodológico extraído do materialismo cultural e das fontes primárias desta pesquisa possa estimular ou orientar novas pesquisas sobre intelectuais pouco ou nada explorados do ponto de vista acadêmico e sociológico. A dialética de continuidades e inflexões possibilitou a esta pesquisa escapar das análises que contrapõem o passado de Otto Karpfen com as fases da vida no exílio de Otto Maria Carpeaux.

Esse intelectual jamais promoveu um rompimento com seu passado, ao contrário, todos os recursos teóricos, políticos e ideológicos manifestados a partir de 1940 e depois de 1964 são bem localizados em sua fase austríaca. Trata-se de passado, tradição e resistência, que, quando articulados a uma estrutura de sentimento marcada por autoritarismo e engajamentos, revelam uma dialética cuja síntese é o próprio Otto Maria Carpeaux enquanto figura enigmática e disputada.

O autoritarismo e o engajamento foram características sociopolíticas comuns que se manifestaram tanto em uma estrutura de sentimento vivenciada por Otto Karpfen em Viena, quanto no Brasil a partir de 1964.

As características que sustentam a dialética – tradição, passado e resistência – são a maneira como Carpeaux vivenciou todas as experiências e eventos políticos, sociais e culturais no Brasil, sem deixar existir uma ruptura com o que vivenciara na Áustria. É dessa articulação entre social e individual, Europa e Brasil, que se apresentou a dialética da vida e obra de Carpeaux constituída por continuidades e inflexões.

Sua constante revisão de valores e a autocrítica política contemplam suas insistentes recusas em conceder entrevistas e falar sobre o seu passado. Quando questionado sobre os livros que publicara nos anos de 1930, respondia de forma desviante e taxativa: “Aquilo está superado”. Suas críticas literárias no *Correio da Manhã* o ajudaram, realmente, a se afastar e superar várias das ideias manifestadas em *Caminhos para Roma* e *A missão europeia da Áustria*. Entretanto,

¹⁰ CARVALHO, Olavo de. Introdução a um exame de consciência. In: CARPEAUX, Otto Maria. Ensaios Reunidos. v. 1. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999

ficou demonstrado que, ao superar as antigas ideias, Carpeaux jamais abandonou sua fé barroca e cristã e a religiosidade católica, que se mantiveram como uma continuidade em sua vida pessoal e profissional.

A autocrítica feita de forma indireta, ou seja, por meio da crítica literária, é um dos “achados” desta pesquisa. Em Ventura (2002), por exemplo, o que se tem é uma noção de continuidade entre Karpfen-Carpeaux pela via do barroco. Nas variadas pesquisas sobre a crítica literária de Carpeaux realizadas na área de Estudos Literários, o fator “barroco” é, na maior parte das vezes, considerado a priori, sem a preocupação de investigar o que ele representa no trabalho produzido por Carpeaux no Brasil.

A ideia de uma autocrítica foi pensada a partir dos textos que Carpeaux escreveu em suas duas primeiras décadas vividas no Brasil e da hipótese inicial de uma dialética envolvendo continuidades e inflexões.

A própria dialética das continuidades e inflexões surgiu com a leitura dessas fontes primárias nas quais encontramos críticas literárias e análises políticas, e sem elas não teria sido possível avançar na compreensão de como Otto Maria Carpeaux se inseriu entre a intelectualidade desde os anos 1940 até 1970, bem como da maneira como sua produção e pensamentos contribuíram para uma estrutura de sentimento e para as resistências culturais. Sem tal recurso, também iria me deparar com uma dificuldade para compreender a importância do barroco e do catolicismo na obra do austro-brasileiro.

Suas inflexões estão marcadas pelas características do barroco católico absorvido por Otto Karpfen e reprocessado por Carpeaux. O que se viu foram movimentos intelectuais de adaptação em sua primeira década no exílio no Brasil, e possíveis usos dos recursos barrocos – dissimulação e persuasão – em sua atuação militante contra a ditadura militar.



Referências

Carpeaux, O. M. (1965). Lenin e o evangelho. *Folha da Semana*, 25 de out. a 3 de nov. de 1965.

Carpeaux, O. M. (1999a). Reminiscências vienenses. *Ensaios Reunidos*, Vol. I (1942-1978). Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks.

Carpeaux, O. M. (1999b). Hofmannsthal e o seu Gran Teatro del Mundo. *Ensaios Reunidos*, Vol. I (1942-1978). Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks.

Carpeaux, O. M. (1999c). A Torre. *Ensaios Reunidos*, Vol. I (1942-1978). Organização, introdução e notas de Olavo de Carvalho. Rio de Janeiro: Topbooks.

Carpeaux, O. M. (2005). Sociologia Barroca. *Ensaios Reunidos*, Vol. II (1946-1971). Prefácio de Ivan Junqueira. Rio de Janeiro: Topbooks.

Carpeaux, O. M. (2014). *Caminhos para Roma*. Campinas: Ecclesiae.

Castro, T. B. (2022). *Passado, Tradição e Resistência: dialética de continuidades e inflexões na obra jornalística de Otto*

Maria Carpeaux. Campinas, SP. Tese de doutorado. Universidade Estadual de Campinas, 185p.

Filmer, P. (2009). A estrutura do sentimento e das formações sócio-culturais: o sentido de literatura e experiência para a Sociologia da Cultura de Raymond Williams. *Estudos de Sociologia*, Araraquara, 14 (27), 371-396.

Löwy, M. (1979). *Para uma Sociologia dos Intelectuais Revolucionários*. São Paulo: Editora de Ciências Humanas.

Schorske, C. B. (1988). *Viena fin-de-siècle*: política e cultura. São Paulo: Companhia das Letras.

Silva, E. G. (2015). *Imagens de Otto Maria Carpeaux*: esboço de biografia. Florianópolis, SC. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. 383p.

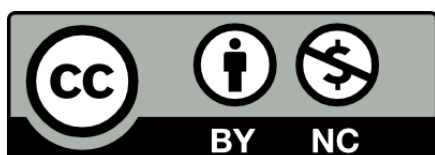
Sousa, R. G. (2017). A estrutura de sentimento e a compreensão do cenário artístico brasileiro: uma leitura a partir da obra de Marcelo Ridenti. In: XXIX *Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia*. 2017, Brasília. Anais do XXIX Simpósio Nacional de História - contra os preconceitos: história e democracia. Universidade de Brasília, Brasília.

Ventura, M. S. (2002). *De Karpfen a Carpeaux* – Formação política e interpretação literária na obra do crítico austríaco-brasileiro. Rio de Janeiro, Topbooks.

Williams, R. (1979). *Marxismo e Literatura*. Rio de Janeiro: Zahar.

Williams, R. (1992). *Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Recebido em 24/08/2023. Aprovado em 10/10/2024.



Selo Licença CC BY-NC 4.0 (<https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/>).

Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International - CC BY-NC 4.0, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio para fins não comerciais, desde que o trabalho original seja corretamente citado.